



Entre Gerações: A Gestão Escolar diante dos Conflitos e Diálogos com as Juventudes

Jheniffer Tavares¹

Walquíria Firma²

Resumo: Este artigo foi desenvolvido na matéria de PIEPE VII como requisito para aprovação e discute os desafios e possibilidades da gestão escolar diante dos conflitos e diálogos com as juventudes no ensino médio, considerando o encontro de diferentes gerações no espaço escolar. A juventude contemporânea, marcada por novas linguagens, múltiplos interesses e forte consciência social, demanda escuta ativa, flexibilidade e participação efetiva nas decisões. Contudo, muitas gestões ainda operam sob lógica verticalizada, o que gera distanciamento, desmotivação e até evasão escolar. Com base em Libâneo, Pais e Bakhtin, e respaldado pela LDB, defende-se que a gestão escolar deve ir além da burocracia, articulando currículo, convivência e formação cidadã, reconhecendo a pluralidade juvenil e promovendo espaços democráticos de participação. Conclui-se que incorporar a voz dos estudantes é essencial para construir uma escola mais acolhedora, representativa e alinhada às demandas do tempo presente.

Palavras-chave: Gestão escolar. Juventudes. Diálogo. Participação. Democracia escolar.

1 Introdução

Falar sobre escola e juventudes atualmente é lidar com uma mistura intensa de ideias, valores e expectativas vindas de diferentes gerações que dividem o mesmo espaço. De um lado, temos gestores e professores que cresceram num tempo diferente, com outras referências e formas de ver o mundo. Do outro, estão os jovens, com suas linguagens próprias, suas causas, suas dores e uma conexão constante com a tecnologia. No meio disso tudo, surgem conflitos — o que é normal —, mas também oportunidades de diálogo. A gestão escolar, nesse contexto, tem um papel chave: não dá mais pra simplesmente impor regras e esperar obediência. É preciso escutar, entender e buscar caminhos que façam sentido pra todo mundo. Esse trabalho propõe refletir sobre como a gestão pode (e deve) agir nesse cenário, tentando equilibrar tradição e mudança, autoridade e escuta, disciplina e acolhimento. Porque, no fim das contas, a escola precisa acompanhar o tempo em que vive — e isso inclui entender quem são os jovens que estão ali todos os dias.

Atualmente, a gestão escolar no ensino médio enfrenta dificuldades consideráveis para estabelecer um diálogo genuíno com os estudantes. A juventude contemporânea é marcada por novas formas de se comunicar, interesses múltiplos e

¹ Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo - e-mail: jheniffe.tavares@edu.ufes.br

² Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo - e-mail: walquiria.garcia@edu.ufes.br





uma forte consciência social, o que exige escuta ativa, flexibilidade e abertura por parte das instituições. No entanto, muitas gestões ainda operam sob uma lógica verticalizada, onde a autoridade se sobrepõe à escuta, e as decisões são tomadas de forma centralizada, sem a participação efetiva dos alunos. Isso gera um sentimento de distanciamento e desmotivação entre os jovens, que não se sentem reconhecidos como sujeitos ativos no espaço escolar.

Diante dessa postura tradicional da gestão escolar, muitos jovens se sentem desmotivados, invisibilizados e, em certos momentos, sufocados dentro do ambiente escolar. Há um sentimento recorrente de que suas opiniões, questionamentos e vivências não são levados a sério, o que gera uma espécie de desconexão emocional com a escola. Para eles, não se trata apenas de regras rígidas ou disciplinas obrigatórias, mas da ausência de um espaço onde possam se expressar sem medo de repressão ou julgamento. Isso pode levar à apatia, ao desinteresse pelos estudos e até mesmo à evasão escolar, pois a escola deixa de ser vista como um lugar de crescimento e passa a ser percebida como um ambiente que não os escuta, não os acolhe e não os representa.

Além disso, quando os estudantes tentam se expressar — seja por meio de questionamentos, manifestações ou mesmo comportamentos considerados “rebeldes” — muitas vezes são interpretados como desrespeitosos ou imaturos. Essa falta de abertura para o diálogo impede a construção de vínculos mais sólidos e afasta a escola da sua função de formar cidadãos críticos e participativos. A gestão escolar precisa reconhecer que ouvir os estudantes é mais do que uma concessão: é uma necessidade urgente para construir um ambiente educativo que dialogue com a realidade e os sonhos das juventudes.

José Carlos Libâneo, em *Organização e Gestão da Escola* (2015), lembra que a gestão escolar não pode ser reduzida à função burocrática, pois seu papel central é pedagógico, articulando currículo, práticas e relações para garantir a aprendizagem. Ou seja, não se trata apenas de “organizar papéis e relatórios”, mas de estruturar um trabalho coletivo que une comunidade escolar, professores e estudantes em torno de objetivos educacionais.

Ao mesmo tempo, José Machado Pais, em *Cultura Juvenil: novos mapas do afeto* (2003), destaca que as juventudes têm modos próprios de estar no mundo e de expressar suas demandas. A escola, se não compreender essa pluralidade, corre o risco de se tornar um espaço que sufoca quem tenta falar, desconsiderando as necessidades de diálogo e reconhecimento.

Neste cenário, Mikhail Bakhtin (1992), em *Estética da Criação Verbal*, oferece um aporte teórico fundamental: a noção de polifonia e de diálogo genuíno. Para ele, o sentido só se constrói na interação entre vozes diversas. Logo, a escola que quer ser democrática precisa permitir que as vozes juvenis estejam presentes na tomada de decisões e nas rotinas escolares.





2. Desenvolvimento

Atualmente, a gestão escolar no ensino médio enfrenta dificuldades consideráveis para estabelecer um diálogo genuíno com os estudantes. A juventude contemporânea apresenta novas formas de comunicação, interesses múltiplos e uma consciência social ampliada. No entanto, muitas escolas ainda operam sob uma lógica verticalizada, onde a autoridade se sobrepõe à escuta. Essa configuração distancia os jovens, que não se sentem reconhecidos como sujeitos ativos no espaço escolar.

Conforme Libâneo (2015), a gestão escolar deve integrar dimensões pedagógicas, administrativas e relacionais, detalhando a rotina de forma a permitir que todos compreendam como a escola se organiza. A pedagogia não pode se limitar ao cumprimento de tarefas burocráticas; deve articular práticas

que conectem currículo, convivência e formação cidadã. Isso inclui criar espaços de participação efetiva, como grêmios estudantis (G-12, por exemplo), assembleias e conselhos.

Pais (2003) acrescenta que, ao não considerar a cultura juvenil, a gestão escolar falha em combinar foco organizacional com atenção às necessidades de diálogo. O estudante que se sente ignorado tende a se afastar emocionalmente do espaço escolar, percebendo-o como lugar de imposição, e não de construção coletiva.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96), em seu Art. 14, estabelece que “os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, na forma da lei e conforme as suas peculiaridades”. Isso significa que a democracia escolar é tanto participativa quanto representativa, devendo criar canais formais de decisão e de escuta. Nesse sentido, a gestão precisa adotar um processo de humanização que vá além da execução de ordens. É necessário procurar, como sugere Bakhtin, o significado da democracia no cotidiano escolar, permitindo a construção de um diálogo onde múltiplas vozes coexistam e se influenciem. A participação do estudante, longe de ser decorativa, deve impactar nas práticas e decisões institucionais.

2.1 Impactos do Novo Ensino Médio na rotina das pedagogas

Com a implementação do Novo Ensino Médio, observa-se uma intensificação significativa das tarefas burocráticas atribuídas às pedagogas. Ao invés de favorecer o contato direto com os estudantes, grande parte do trabalho pedagógico passou a ser voltada para alimentar sistemas e relatórios exigidos pelos órgãos estaduais de educação.

As pedagogas, que antes tinham um papel mais próximo do acompanhamento dos alunos, agora se veem sobrecarregadas com múltiplas responsabilidades:





- Gestão de turmas e especialidades;
- Coordenação com professores e acompanhamento das disciplinas;
- Interface com a coordenação pedagógica;
- Cumprimento das demandas burocráticas diárias da escola.

Essa reorganização evidencia uma valorização da produtividade documental em detrimento da humanização do trabalho pedagógico. José Carlos Libâneo já alertava para o risco de a burocracia sufocar o trabalho educativo, mostrando que a escola não é apenas um espaço administrativo, mas um lugar de mediação social e desenvolvimento humano. José Machado Pais, por sua vez, reforça que a sobrecarga administrativa pode reduzir a capacidade do pedagogo de intervir de forma significativa na aprendizagem e no bem-estar dos estudantes.

Dessa forma, o Novo Ensino Médio, ao mesmo tempo que busca modernizar e flexibilizar o currículo, acaba por deslocar o foco da pedagogia para processos administrativos, dificultando o contato humano e a atuação efetiva junto aos alunos.

2.2 Impactos do Novo Ensino Médio na rotina dos estudantes

Sobrecarga de escolhas e responsabilidade

A flexibilização curricular exige que os estudantes escolham itinerários formativos e gerenciem seus estudos de forma autônoma. Muitos não estão preparados para tomar essas decisões precocemente, o que gera insegurança e estresse.

Um estudante de 15 anos que ingressa no 1º ano do Ensino Médio precisa escolher imediatamente entre itinerários como Ciências Humanas, Ciências da Natureza ou Formação Técnica. Como ainda não possui clareza sobre qual área profissional deseja seguir, ele se sente pressionado a tomar uma decisão que pode influenciar seu futuro acadêmico e laboral. A escolha precoce causa insegurança e aumenta o risco de arrependimento nos anos seguintes.

Além disso, a organização da rotina de estudos passa a depender muito mais do próprio aluno, já que os itinerários exigem autonomia para gerenciar atividades, projetos e pesquisas. Muitos adolescentes não têm maturidade para essa responsabilidade, resultando em acúmulo de tarefas, dificuldade de adaptação e queda significativa no rendimento escolar.

Desigualdade de oportunidades

Nem todas as escolas oferecem todos os itinerários ou recursos necessários. Isso amplia a desigualdade entre estudantes de redes públicas e privadas ou de diferentes regiões, limitando o acesso a determinadas áreas de interesse.





Em uma escola particular de São Paulo, os alunos podem optar entre cinco itinerários diferentes, incluindo Ciências Exatas, Ciências Humanas, Artes, Linguagens e até cursos técnicos profissionalizantes. Já em uma escola pública do interior do Espírito Santo, os estudantes só têm acesso ao itinerário de Ciências Humanas. Essa limitação impede que eles explorem carreiras ligadas a outras áreas de conhecimento.

Essa desigualdade compromete o futuro dos estudantes da rede pública, que saem do Ensino Médio com formação menos diversificada em comparação aos alunos da rede privada. O resultado é um acesso mais restrito a universidades e ao mercado de trabalho, ampliando a distância entre jovens de diferentes contextos socioeconômicos.

Foco excessivo em resultados e burocracia

O Novo Ensino Médio, ao exigir relatórios, sistemas e avaliações, pode direcionar a escola mais para produtividade administrativa do que para aprendizagem significativa, deixando os alunos menos apoiados e desmotivados.

Com a implementação do Novo Ensino Médio, professores de muitas escolas precisam preencher relatórios semanais, registrar atividades em sistemas digitais e produzir evidências de aprendizagem para a gestão escolar. Esse processo administrativo ocupa parte significativa do tempo de aula.

Para os estudantes, isso se traduz em aulas menos dinâmicas e na redução de experiências práticas, debates ou atividades que favoreçam a aprendizagem real. A escola passa a priorizar o cumprimento de metas burocráticas em vez de promover conhecimento significativo, o que gera desmotivação e desinteresse entre os alunos.

Pressão sobre o futuro acadêmico e profissional

A necessidade de definir itinerários e interesses de carreira muito cedo aumenta a ansiedade e a pressão sobre os estudantes, que podem se sentir inseguros quanto às escolhas e ao impacto dessas decisões em seu futuro.

Um estudante que escolhe o itinerário de Ciências da Natureza no 1º ano acredita que está se preparando melhor para carreiras como Medicina ou Engenharia. No entanto, ele teme estar excluindo a possibilidade de prestar vestibular para Direito ou Comunicação, já que não terá aprofundamento em Ciências Humanas. Essa sensação de “caminho sem volta” provoca ansiedade constante.

A exigência de definir uma área de interesse tão cedo faz com que os alunos carreguem um peso desproporcional para sua idade. Muitos passam os três anos do Ensino Médio inseguros sobre a escolha feita, o que compromete não apenas o desempenho escolar, mas também sua saúde emocional.





Risco de lacunas na formação

A flexibilização, se mal implementada, pode resultar em defasagens em disciplinas básicas, comprometendo a formação integral e o desempenho em exames nacionais como o ENEM.

Um estudante que escolhe o itinerário de Linguagens pode ter apenas duas aulas semanais de Matemática, em vez das quatro que teria no currículo tradicional. Essa redução compromete o domínio de conteúdos essenciais como álgebra, funções e estatística.

Como o ENEM e os vestibulares exigem conhecimento amplo em todas as áreas, esse estudante enfrentará dificuldades em provas nacionais. Assim, a flexibilização, se não for bem planejada, gera falhas graves na formação básica e prejudica diretamente as chances de ingresso no ensino superior.

2.3 Aplicação da pesquisa (não aplicada)

Até o prezado momento não foi possível realizar a pesquisa em campo por imprevistos institucionais.

3. Justificativa

A escolha do tema “gestão escolar em diálogo com as juventudes” se justifica pela urgência de repensar práticas escolares frente às transformações sociais, culturais e tecnológicas que moldam as novas gerações. O silêncio ou a invisibilização da voz juvenil cria um ambiente sufocante, no qual a escola deixa de cumprir sua função formativa integral.

Refletir sobre esse tema contribui para o fortalecimento de práticas democráticas e de uma gestão sensível à diversidade. Como afirma Libâneo (2015), a gestão que ignora o potencial pedagógico de sua função perde a chance de transformar o espaço escolar em um território de emancipação. E como reforça Pais (2003), sem reconhecer as expressões juvenis, a escola corre o risco de afastar-se das realidades concretas dos alunos.

Além disso, refletir sobre esse tema contribui para o fortalecimento de práticas de gestão mais democráticas, sensíveis à diversidade e comprometidas com a construção de uma escola mais acolhedora e significativa. O diálogo entre gerações não deve ser visto como um desafio intransponível, mas como uma oportunidade de construção coletiva e de ressignificação dos papéis dentro da escola. Nesse sentido, estudar a relação entre gestão e juventudes permite identificar estratégias de escuta, mediação e valorização do protagonismo juvenil, favorecendo uma educação mais alinhada com as realidades e necessidades do tempo presente.





Outro ponto fundamental é a necessidade de repensar o papel da escola diante das expectativas das novas gerações. Os jovens contemporâneos buscam não apenas instrução formal, mas também espaços de pertencimento, reconhecimento e participação ativa. A escola que abre espaços de escuta, como assembleias estudantis, grêmios e conselhos participativos, contribui para a formação de cidadãos mais críticos, autônomos e engajados. Nesse sentido, o diálogo entre gestão e juventudes não deve ser entendido como uma concessão, mas como parte intrínseca do processo formativo.

Estudar a relação entre gestão e juventudes permite identificar estratégias de escuta, mediação e valorização do protagonismo juvenil. Isso significa reconhecer que os estudantes podem e devem participar da construção de regras, do planejamento de projetos e até mesmo da elaboração de propostas pedagógicas que tornem a escola mais viva e conectada com a realidade. Ao incluir os jovens como protagonistas, a gestão fortalece o sentimento de pertencimento e diminui o risco de evasão, já que o aluno se vê como parte integrante de um projeto coletivo.

Por fim, a relevância desse tema está em sua dimensão transformadora. Uma gestão que dialoga com as juventudes promove não apenas melhorias na aprendizagem escolar, mas também contribui para a formação cidadã e democrática. O diálogo intergeracional, longe de ser um desafio intransponível, é uma oportunidade de ressignificar papéis, reconstruir relações e aproximar a escola das demandas do tempo presente. Dessa forma, refletir sobre a gestão escolar em diálogo com as juventudes é refletir sobre a própria possibilidade de uma educação que seja, de fato, emancipadora, inclusiva e socialmente relevante.

4. Conclusão

A gestão escolar, quando limitada a uma dimensão estritamente burocrática, revela-se incapaz de enfrentar os complexos desafios que caracterizam o Ensino Médio contemporâneo. A escola do presente, atravessada por novas demandas sociais, culturais e tecnológicas, exige muito mais do que a simples execução de relatórios, metas e registros administrativos. Exige, sobretudo, uma prática de gestão que articule teoria e prática, tradição e inovação, escuta e ação. Nesse sentido, o papel da gestão precisa ser compreendido como essencialmente pedagógico, capaz de reconhecer as juventudes como sujeitos ativos no processo educativo e de construir espaços de diálogo que favoreçam a convivência democrática. Incorporar a voz dos estudantes, portanto, não é uma escolha facultativa ou um recurso metodológico eventual, mas sim uma necessidade urgente para a constituição de vínculos sólidos e para a criação de um ambiente escolar que acolha, motive e represente.

Ao analisar a escola como espaço de encontro entre diferentes gerações, percebe-se que a autoridade pedagógica não deve ser confundida com posturas





autoritárias. A legitimidade da gestão escolar se fortalece quando se ancora no diálogo, na mediação e no reconhecimento da diversidade de vozes e culturas que atravessam o ambiente educativo. É nesse ponto que as contribuições de José Carlos Libâneo se mostram fundamentais, ao destacar que a gestão não se restringe ao controle administrativo, mas deve ser compreendida como articuladora do currículo, da convivência e das práticas formativas. Uma escola que se fecha em procedimentos burocráticos e ignora a necessidade de participação tende a ser percebida pelos estudantes como um espaço hostil e distante de suas realidades, o que pode contribuir para processos de desmotivação, afastamento e, em última instância, evasão escolar.

Nesse mesmo horizonte, José Machado Pais (2003) ressalta que a juventude contemporânea se constitui a partir de múltiplas identidades, de linguagens híbridas e de formas variadas de sociabilidade, muitas delas mediadas pela tecnologia. Reconhecer a pluralidade juvenil é, portanto, condição indispensável para que a escola cumpra seu papel de espaço de formação cidadã. A gestão democrática deve estar atenta a essas expressões e ser capaz de criar canais permanentes de escuta e participação — grêmios estudantis, assembleias, rodas de conversa, conselhos de classe participativos — que não apenas legitimem a presença das juventudes na escola, mas que também favoreçam a construção de práticas mais coerentes com suas realidades. Quando esse diálogo não se concretiza, o que predomina é a sensação de invisibilidade e exclusão, com impactos diretos no engajamento dos alunos e na qualidade do processo educativo.

À luz de Bakhtin (1992), compreende-se que a escola deve ser pensada como um espaço polifônico, no qual diferentes vozes dialogam e se influenciam mutuamente. O diálogo autêntico, baseado na interação entre sujeitos, não apenas enriquece o processo de aprendizagem, como também fundamenta a democracia escolar. Aplicar essa perspectiva no cotidiano significa superar uma gestão baseada na imposição unilateral e substituí-la por práticas que reconheçam a importância da construção compartilhada de decisões. Evidentemente, trata-se de um movimento que enfrenta resistências, já que desafia estruturas hierárquicas tradicionais. Contudo, apenas por meio dessa abertura será possível ressignificar o papel social da escola, transformando-a em espaço de acolhimento e pertencimento.

Outro aspecto que se destaca nas análises realizadas é a necessidade de refletir sobre a atuação da gestão frente ao Novo Ensino Médio. A reforma educacional, embora busque flexibilizar o currículo e ampliar as possibilidades formativas, tem produzido impactos relevantes tanto para pedagogos quanto para estudantes, sobretudo pela intensificação da burocracia e pela antecipação de escolhas profissionais para jovens que ainda não possuem maturidade plena para tomá-las. Nessa conjuntura, a gestão escolar assume uma função de mediação crucial: deve assegurar que a flexibilização curricular não se converta em sinônimo de desigualdade ou exclusão, garantindo que todos os estudantes tenham acesso a oportunidades formativas equivalentes, independentemente da rede de ensino em





que se encontram ou da localização geográfica da escola. Isso implica tanto a luta por políticas públicas mais equitativas quanto a adoção de práticas locais que minimizem as lacunas na formação.

A escuta ativa das juventudes, quando efetivamente incorporada ao cotidiano escolar, contribui de maneira significativa para o fortalecimento da cidadania e para a consolidação da democracia. Um estudante que se percebe reconhecido, ouvido e respeitado tende a engajar-se de forma mais efetiva com os processos de aprendizagem, desenvolvendo não apenas competências acadêmicas, mas também senso crítico e responsabilidade social. Ao contrário, quando os jovens são silenciados ou reduzidos à condição de receptores passivos de ordens, a escola perde sua potência formadora e arrisca-se a ser percebida como um espaço de opressão. Nesse contexto, as experiências de gestão que valorizam a participação estudantil revelam-se eficazes não apenas na redução da evasão escolar, mas também na construção de uma escola mais justa, inclusiva e conectada às realidades sociais do tempo presente.

Assim, pode-se afirmar que a gestão escolar que se pretende transformadora precisa assumir um compromisso radical com a democracia, entendida não apenas como princípio legal, estabelecido na LDB, mas como prática cotidiana, presente em cada decisão curricular, em cada regra de convivência e em cada atividade realizada. Ao promover espaços de escuta e participação, a gestão ressignifica a escola, fortalecendo-a como território de diálogo, de pertencimento e de transformação social. Dessa forma, mais do que preparar estudantes para avaliações externas ou para o cumprimento de metas administrativas, a escola se consolida como espaço de formação de cidadãos críticos, solidários e conscientes de seu papel na sociedade.

Em síntese, diante de uma juventude que clama por reconhecimento e voz, torna-se urgente superar a lógica verticalizada e autoritária que ainda permeia muitas práticas escolares. A análise aqui desenvolvida aponta para a necessidade de uma gestão que seja capaz de acolher, escutar e dialogar, garantindo que a escola do presente esteja, de fato, alinhada às demandas do tempo em que vivemos. Libâneo (2015) nos recorda da centralidade pedagógica da gestão; Pais nos alerta para o reconhecimento das culturas juvenis; e Bakhtin nos ensina que o sentido só existe no encontro entre vozes. A partir desse tripé teórico e amparada pela LDB, a gestão escolar pode fortalecer-se como mediadora entre gerações, assegurando a construção de uma escola democrática, inclusiva e comprometida com a transformação social.





5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 1992. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ld/a/k766dfSfgSvLNhj5SLGtrWC/?lang=pt> . Acesso em: 25 de Jul de 2025

BAKHTIN, Mikhail. Problemas da Poética de Dostoiévski. 5. ed. Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 1981. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/bak/a/fsCcnXWgmRdWJN3bd9BXjBG/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 20 de Jul de 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, 1996. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em: 10 de Jul de 2025

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e Gestão da Escola: teoria e prática. 7. ed. Goiânia: **Alternativa**, 2015. Disponível em :
<https://pt.scribd.com/document/342208816/LIBANEO-Jose-Carlos-Organizacao-e-Gestao-da-Escola-Teoria-e-Pratica-pdf> . Acesso em: 01 de Ago de 2025

PAIS, José Machado. Cultura Juvenil: novos mapas do afeto. **Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais**, 2003. Disponível em:
https://www.academia.edu/38538828/Culturas_Jovens_novos_mapas_do_afeto . Acesso em: 05 de Ago 2025

APÊNDICE 01

Perguntas aplicadas aos alunos

Google Forms

1. Você sente que a gestão da sua escola escuta a opinião dos alunos?
☐ Sim
☐ Às vezes
☐ Raramente
☐ Nunca
2. Você já teve algum problema ou sugestão e sentiu que podia conversar com alguém da gestão escolar?
☐ Sim
☐ Não





() Nunca tentei

3. Você se sente acolhido(a) e respeitado(a) dentro do ambiente escolar?

() Sim, sempre

() Às vezes

() Não me sinto acolhido(a)

4. Na sua opinião, o que a gestão escolar poderia fazer para melhorar o diálogo com os estudantes?

(Resposta aberta)

5. Em uma palavra ou frase curta, como você descreveria sua relação com a gestão escolar?

(Resposta curta)

APÊNDICE 02

Perguntas aplicadas aos gestores:

1. Quais são, na sua visão, os principais desafios que os estudantes do ensino médio enfrentam atualmente dentro da escola?

(Resposta longa – parágrafo)

2. A gestão escolar mantém canais de escuta ativa com os estudantes? Se sim, quais são e com que frequência são utilizados?

(Resposta longa – parágrafo)

3. A escola possui espaços formais de participação estudantil, como grêmio, assembleias ou comissões? Como esses espaços funcionam na prática?

() Sim, são bem ativos

() Sim, mas com pouca participação

() Existem, mas estão desativados

() Não existem

() Outro: _____ (resposta curta)

4. Como a escola lida com situações que envolvem saúde mental, conflitos ou questões de exclusão entre os estudantes?





(Resposta longa – parágrafo)

5. O que poderia ser feito para que os jovens se sintam mais acolhidos, escutados e representados dentro do ambiente escolar?

(Resposta longa – parágrafo)

